

AS REPERCUSSÕES DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA

Adson Ferreira dos Santos¹

Amanda da Costa Silva¹

Rian Felipe Rodrigues Peres¹

Natalia Martins Oliveira¹

Maria Clemência Pinheiro de Lima Ferreira²

Resumo: O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos que vem mostrando um aumento constante em nossa sociedade. Muitas são as buscas de metodologias de trabalho para auxiliar no desenvolvimento de crianças que possuem tal transtorno. Neste sentido, o presente artigo trata a respeito da música junto à criança com TEA tendo como objetivo geral analisar como esta contribui para o seu desenvolvimento. Como objetivos específicos buscamos; descrever aspectos da música no atendimento clínico da criança com TEA, compreender a influência da música sob o comportamento e desenvolvimento da criança com TEA, e analisar as evidências desta para o trabalho na escola identificando na literatura relatos sobre o uso da música no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) neste ambiente. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica uma vez que é possível encontrar registros, levantamentos bibliográficos, teóricos sobre o assunto. Foi possível perceber que a música possibilita o desenvolvimento de habilidades no processo de interação pessoal e interpessoal das crianças com TEA. Vale considerar que, quanto mais estudos e relatos em relação a música como ferramenta pedagógica, maior o encorajamento de professores quanto às possibilidades destes desdobramentos, pois são positivos e contribuem para a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento geral da criança com TEA.

Palavras-chave: Música; TEA; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Pesquisar e compreender sobre as definições a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA), pode ser norteador e esclarecedor quanto aos aspectos dos déficits na comunicação social e a escassa interação com o meio, visto que o TEA está ligado ao transtorno, mas, não é uma doença. Dividido em níveis e graus, o termo “Transtorno do Espectro Autista”, compreende toda a abrangência do transtorno, e identifica o controle e as possibilidades de desenvolvimentos.

O autismo é caracterizado por déficits em determinadas áreas do conhecimento, tendo como detalhe importante o isolamento e a pouca interação social com o meio. Assim, o autismo se divide em níveis, desde a incapacidade de se comunicar até um

¹ Acadêmicos graduandos do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA;

² Mestra em Educação. Professora da UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

retardo mental. Diante desse cenário, não existem remédios ou cura para o autismo, o que é apresentado são recursos e intervenções que visam auxiliar no desenvolvimento.

Segundo a literatura, em geral, no trabalho com a criança, a musicalidade oferece inúmeros benefícios, como, a inclusão em sala de aula, auxílio no desenvolvimento da interação social, estímulo à criatividade, memória, concentração, coordenação motora e comunicação, além das percepções que ao longo do desenvolvimento se aprimoram também (MENEZES, 2019; AMMIRATI, 2021; OLIVEIRA, 2016; HECKLER, 2021). Quando se trata da criança com TEA, imaginamos que há outras implicações, uma vez que a sensibilidade pessoal destas crianças é mais aguçada.

Diante do exposto, levantamos o seguinte questionamento: como a música pode contribuir para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)? Por isso, estabelecemos como objetivo geral, analisar a contribuição da música nos processos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com esse transtorno para refletir sobre possibilidades de integração destas crianças abrangendo os aspectos afetivos, cognitivos e sociais.

Como objetivos específicos, buscamos descrever alguns aspectos da música no atendimento clínico de crianças com TEA, compreender a influência da música sobre o comportamento e desenvolvimento da criança com TEA, e analisar as evidências da música para o trabalho na escola identificando na literatura relatos de experiência sobre o uso da música no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) neste ambiente.

Por conseguinte, a metodologia do presente trabalho, se firmará na pesquisa de revisão bibliográfica, visto que, é uma forma de compreender o processo e ligação dos artigos, teorias, pesquisas utilizadas nesta temática. Portanto, mesmo sem uma pesquisa concreta de campo em relação ao tema escolhido, a pesquisa e revisão bibliográfica, pode ser norteadora e investigadora quanto ao tema atual, despertando a curiosidade e interesse do leitor, de conhecer mais sobre o assunto e buscar informações relevantes e verdadeiras quanto ao assunto.

1. Aspectos da música no atendimento clínico de crianças com TEA

Neste tópico buscaremos elementos que embasem a utilização da música junto às crianças com TEA, sobretudo em ambiente clínico.

Para iniciar, precisamos considerar que na gestação de um bebê, em seu quinto mês, a percepção dos sons exteriores já é interiorizada obtendo reações ao escutar a voz de sua mãe, dando estímulos e sensação que são demonstradas através de chutes, mudanças de posições dentro do útero e movimentos da cabeça. Cada som que se é captado pode ser significativo durante o desenvolvimento do bebê fazendo com que haja o despertar das lembranças e sentimentos que se constrói ao longo do tempo dando um sentido e se tornando parte do cotidiano (MARTINS, 2017).

O autor descreve a respeito dos sons que antecedem ao próprio nascimento com detalhes interessantes:

O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intrauterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como sangue que flui nas veias a respiração e a movimentação intestinais. A voz da mãe também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles. (MARTINS, 2017, p. 03).

A partir do posicionamento citado acima, podemos compreender também com os estudos de Gainza (1988 apud GODOY, 2016), a respeito da música como sendo uma energia que causa estímulos internos e externos, que promove movimentos e que despertam condutas de qualidade em graus diferentes.

Partindo desse princípio da música como energia sonora, que ocasiona intervenções corporais, é preciso também pensá-la em seus aspectos simbólicos que vem da antiguidade e utilizada em diversos contextos do nosso cotidiano que vão desde rituais religiosos até tratamento terapêutico. Essa energia sonora causa intervenções corporais e ao longo da história humana vem sendo útil para diversas finalidades, moldando o comportamento em determinadas escalas, nos fazendo refletir acerca do seu uso potencial terapêutico (LUNA, ALENCAR, CAMPELO, FERREIRA, 2019).

Seguindo uma análise da música neste campo os autores Ayres (1979); Bandim (2011) e Silva (2018) apud Luna, Alencar, Campelo e Ferreira (2019) citam pesquisas realizadas em diversos países mostrando que crianças autistas que recebem tratamento terapêutico utilizando a música, conseguem se destacar e desenvolver habilidades através desta atividade.

O atendimento clínico de crianças com TEA se utiliza, por exemplo, da musicoterapia para alcançar objetivos específicos, como descreve Bertoluchi (2011):

A musicoterapia utiliza os elementos musicais de forma a atingir resultados predeterminados para desenvolver ou restaurar funções no indivíduo, para que ele obtenha uma melhor qualidade de vida. Portanto, em educação musical se ensina música, e em musicoterapia todas as atividades desenvolvidas terão por objetivo final a reabilitação, ainda que se aprenda algo neste processo (BERTOLUCHI, 2011).

Sendo assim, o atendimento clínico busca uma intervenção pontual com a música e que possibilita o desenvolvimento de habilidades no processo dessa reabilitação. Tais processos, contribuem para as interações primárias com os sentimentos interpessoais e intrapessoais que ajudam nas relações com o eu, o outro e o nós, dando sentido e avanço às interações (BERTOLUCHI, 2011).

Uma criança com TEA, geralmente necessita de várias terapias complementares como Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Integração Sensorial e a própria Musicoterapia já citada, como apontam Ampreia (2007); Bosa (2006); Reichow e Wolery (2009) e Park, et al (2016) apud Louro (2017):

[...] Terapia ocupacional que visa colaborar para a criança exercer sua autonomia no dia a dia, a Fonoaudiologia, que contribui na alfabetização e desenvolvimento da linguagem, a Integração Sensorial para trabalhar as diferenças neurológicas na integração sensorial, a Psicomotricidade que visa reorganizar o corpo e funções cognitivas da criança com TEA a partir do movimento planejado e funcional e a Musicoterapia, que visa trabalhar aspectos do comportamento e linguagem a partir da intervenção sonora. (AMPREIA, 2007; BOSA, 2006; REICHOW e WOLERY, 2009; PARK, et al., 2016 apud LOURO, 2017, p.30)

Um trabalho a nível terapêutico, portanto, necessita de uma equipe multidisciplinar com profissionais como os fonoaudiólogos, terapeutas cognitivos comportamentais, musicoterapeutas, psicomotricistas e terapeutas ocupacionais que se utilizam da integração sensorial (LOURO; SANTIAGO, 2021).

Por meio desta gama de necessidades das crianças autistas, bem como as possibilidades terapêuticas, Ammiriat (2021) considera que um diagnóstico precoce facilita o desenvolvimento e a formação desta criança, ou seja, quanto mais cedo, melhor, inclusive para utilização dos recursos da educação musical.

Portanto, existem três possibilidades de aplicação da música para pessoas com TEA: a musicoterapia, de caráter terapêutico, a educação musical e somente a utilização

da música como abordagem pedagógica em sala de aula, como será considerado no próximo ponto deste trabalho.

2. Influência da música no comportamento e desenvolvimento da criança com TEA no contexto educacional

Nesse segundo tópico abordaremos a influência que a música tem no processo de vivência da criança com TEA em ambiente educacional, compreendendo que a música tem um grande potencial de se conectar com o todo do ser humano.

O gosto pela música, bem como a educação musical pode se dar não só por ouvir, mas entender o que a música deseja transmitir. Ou seja, através das vivências do indivíduo ele pode experimentar sensações, sendo elas, corporais, emocionais e auditivas que fazem com que se adquira o desejo e a curiosidade pela dimensão musical vivenciada (MARTINS, 2017).

A música em uso no processo educacional tem a capacidade de atingir emocionalmente o ser humano, influenciando no comportamento pois ajuda a diminuir a ansiedade, melhora a qualidade do sono e auxilia no foco das tarefas e atividades propostas (WOODMAN et al., 2018; CRASTA et al., 2020; SPIRO; HIMBERG, 2016; SRINIVASAN et al., 2015; LAKES et al., 2019, p. 15, apud SANTIAGO, LOURO, 2021).

Louro (2006 apud SANTIAGO; LOURO, 2022) ainda afirmam:

[...] no trabalho com a música são comuns práticas pedagógicas que envolvem compreensão de métrica e ritmo, exploração de diversos instrumentos, cantar, interação social, jogos de improvisação e movimentos corporais que desenvolvem os tónus, equilíbrio dinâmico, consciência tempo/espço, estimulação auditiva, esquema corporal, estimulação da criatividade, lateralidade, estimulação visual, coordenação motora, expressão e conceitos. (LOURO, 2006, 2012 apud SANTIAGO, LOURO, 2021, p.15).

A música no ambiente escolar, tem sido uma ferramenta que potencializa o desenvolvimento do estudante em suas percepções, que o estimula ao uso dos sentidos, promovendo maior habilidade de observação, localização, compreensão, descrição e representação (MARTINS, 2017).

Além disso, conforme Snyders (1992 apud MARTINS, 2017) afirma sobre a música na escola:

A música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam

estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente (SNYDERS, 1992 apud MARTINS 2017 p. 05).

Em contexto de sala de aula regular, a música não se trata de ensino voltado para instrumentalização ou musicalização em suas características primárias, mas é útil como ferramenta facilitadora no processo de letramento, apropriação de palavras e ampliação de repertório entre outros (BERTOLUCHI, 2011 apud SATIAGO, LOURO, 2021).

A música influencia no desenvolvimento da linguagem, promovendo a ampliação do vocabulário, a partir do lúdico através das cantigas de roda, de brincadeiras que levam ao despertar da imaginação, interpretação, capacidade de fala e organização dos pensamentos. A música faz parte do desenvolvimento da criança desde o início da sua vida, seja no cuidado que acontece no lar, com canções de ninar, que se encontram presentes diariamente, e que conseqüentemente acompanham o sujeito ao longo de sua vida (MARTINS, 2020).

Sendo a linguagem um elemento de grande relevância na vida do ser humano, e considerando que os autistas em sua maioria têm um comprometimento nesta função intelectual, a música é uma ferramenta que pode contribuir no desenvolvimento desta habilidade, além de contribuir para aprimorar e ampliar o repertório. É interessante que estes aspectos sejam estimulados e que a música faça esse papel devendo ser parte das atividades escolares deste aprendiz (ROCHA, VASQUES, LAMÔNICA, 2019 apud MARTINS, 2020).

No Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacam-se a questão dos déficits na comunicação social (verbal e não verbal) e comportamentos de *flapping* e ecolalia, com desvio de foco. Assim, considerando oportunidades de desenvolvimento mais qualitativos, inserir a música como objeto de aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), proporciona possibilidades de integração nos aspectos afetivos, cognitivos, na linguagem e na melhoria da interação social. Assim, percebermos como a música pode se tornar uma atividade educacional que favorece a inclusão de crianças com o Transtorno do Espectro Autista na sala de aula. Por ser um movimento lúdico e de livre expressão, não apresentam pressões nem cobranças de resultados, se dá como meio de aliviar e relaxar a criança, auxiliando na desinibição, contribuindo para o envolvimento social, ou seja, a relação com o outro, respeito, ajuda, colaboração, abrindo espaço para outras aprendizagens (MENEZES, 2019).

Dentre as aprendizagens podemos trazer a relação da música e a expressão corporal que tem valor significativo ao se trabalhar a Psicomotricidade, em que se relaciona muito bem com a utilização da música, pois estimula não só as potencialidades físicas do movimento humano, mas o desenvolvimento das habilidades cognitivas, espacial, afetivas e sociais.

Nesse sentido a linguagem gestual tem significativamente seu valor. Autores fazem a seguinte afirmação que:

Propostas musicais aliadas ao uso consciente do corpo pode potencializar o desenvolvimento das habilidades necessárias para melhorar a linguagem, cognição e interação social de autistas (OTTONI, 2006; LOURO, 2014 apud SANTIAGO, LOURO 2021. p 15).

COLOQUEM AQUI UM PARÁGRAFO SOBRE A MÚSICA E A EXPRESSÃO CORPORAL. PARA UMA CRIANÇA COM TEA, A LINGUAGEM GESTUAL TEM VALOR SIGNIFICATIVO. TERÃO QUE ENCONTRAR ALGUM AUTOR E ACRESCENTAR NAS REFERÊNCIAS

Martins (2017) lista ainda outras habilidades que o trabalho da música pode proporcionar: despertar qualidades e sensibilidades musicais que ajudam na concentração, na convivência de alteridades, habilidades sensório-motoras, autorregulação social, psicológica e física. Por isso, o trabalho com a música na área educacional deve ser um processo complementar e integral no desenvolvimento do indivíduo (MARTINS, 2017).

Neste sentido, é importante que o professor busque entender seu aluno com TEA: o que sente, suas emoções, sua história e dificuldades; isto demonstra um profissional que se preocupa com o desenvolvimento dos seus alunos, intensificando a participação na aula, socialização, melhor compreensão dos conteúdos e uma melhor aprendizagem entendendo o aluno como ser individual em suas características e habilidades no meio educacional (ZIMMER, 2018).

Cada criança possui sua individualidade e modo de agir, a criança com TEA possui aspectos diferentes e necessitam de atenção. Apostando na capacidade dos aprendizes, a música contribui de forma positiva no seu desenvolvimento, incluindo e inserindo diariamente esses alunos na aprendizagem, tornando esse processo de inserção mais sensível e influente.

Por conseguinte, a música como ferramenta pedagógica é primordial para um desenvolvimento cognitivo, social, interacional e de comunicação, pois, se houver o diagnóstico precoce do autismo, a utilização da música no ambiente escolar pode facilitar a interação social, diminuindo o isolamento e aguçando a percepção do mundo à sua volta. Logo, a música se torna uma forma de inclusão desafiando no superar de seus déficits de comunicação e socialização. Assim, planejar atividades que envolvam a música, é de suma importância, pois, além de trazer benefícios na aprendizagem individual de cada um, ela contribui com as relações entre os aprendizes (LOURO, 2021).

De acordo com Jeandot (1993 apud MARTINS, 2017), é necessário o trabalho com a música nas escolas para que possibilite experiências positivas no aprender científico e social. Mediante isto, a contribuição da música, está interligada ao modo como se estabelece o ambiente de aprendizagem, trazendo assim a alegria e o prazer na mediação do conhecimento, sendo muito útil junto à criança com TEA.

3. Relatos de experiência sobre o uso da música no atendimento de crianças com TEA no ambiente escolar

Neste subponto, iremos contextualizar, através da literatura, relatos de experiências e estudos de caso sobre o uso ativo da música no atendimento e desenvolvimento de crianças com TEA no ambiente escolar, considerando suas habilidades e diferenças, bem como seus benefícios. Assim, através de uma revisão bibliográfica traremos alguns relatos das vivências de professores no ambiente educacional, abordando suas práticas com a música em sala de aula como também os efeitos e desenvolvimento vivenciados por eles.

É importante ressaltar que em qualquer processo educacional, principalmente na infância, desenvolvemos áreas do nosso cérebro e do nosso corpo que serão utilizadas para desempenhar com mais qualidade várias outras habilidades no decorrer da nossa vida (SANTIAGO, LOURO, 2021).

O primeiro relato que apresentaremos trata-se de uma experiência que descreve utilização da música dentro do ambiente escolar, visando apresentar as performances desse uso para crianças com TEA.

Inicialmente, a professora que vivenciou essa experiência, ingressou na escola Municipal Cidade da Música, em 2016, onde foi possível exercer a prática musical, visto que nesta escola havia muitos alunos autistas matriculados. Ela percebe e acredita que a música é uma forma de comunicação e interação com esses alunos e passa a ministrar musicalização infantil, sendo esta uma escola própria para o ensino de música, em que são ministradas aulas em grupo (MENEZES, 2019).

Um dos objetivos identificados neste relato experimental foi o de detectar as limitações dos alunos, observando suas reações frente a utilização da música e o poder de desenvolvimento que ela possui. Relata a intensa relação das pessoas autistas com o sentido não verbal da música, percebendo ao longo das aulas, as manifestações de emoções ao estímulo musical; observa em especial em um dos alunos, que o som da música o atrai e assim ele se comunica e demonstra emoção (MENEZES, 2019).

O relato em questão descreve o acompanhamento que foi feito com os pais, sendo pertinente a busca por entender e melhorar o desenvolvimento da criança com TEA, inserindo diariamente no ambiente escolar, a utilização da música, observando os aspectos de percepção auditiva, motora e cognitiva dessa criança. Essa relação, vista por esse relato de experiência, fortifica a importância de acompanhar e construir a comunicação entre escola, família e comunidade, contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento do aluno.

Assim, diante da realidade observada, é perceptível o poder de incluir a música neste processo educacional. Como afirma a autora:

Outrossim, diante da realidade observada na referida Escola de Música, é perceptível que o ato musical ajudou no processo de aprendizagem, despertando e estimulando a criança com o Transtorno do Espectro Autista, seja pelas expressões de emoção ou pela concentração, comunicação, sociabilidade, tornando a música um instrumento para melhoria da educação desses alunos. O ensino da música revelou-se ainda, não só como elemento socializador ou para ampliar conhecimentos, mas também promovendo melhoras das funções motoras de relaxamento (MENEZES, 2019, p.29)

Neste contexto as aulas de música respeitam os momentos dos alunos, desde o início da sua participação. A autora descreve a importância de acolher a criança e em seguida vai introduzindo as relações com a música. O trabalho é feito por exemplo com chocalho, objeto que auxilia na comunicação de crianças com TEA, ajudando nas

expressões do que estão sentindo. O uso deste chocalho, foi uma forma que a professora encontrou de chamar a atenção do aluno, sendo rico em expressividade e gestos.

Destarte, a autora acredita que mediante as dificuldades observadas, a contribuição da música é pertinente e aprazível:

Partindo dos dados coletados, conclui-se que, diante do contexto das dificuldades apresentadas do aluno autista (não-verbal, distraído, ansioso, interesse e desinteresse rápido por objetos musicais) percebe-se, tanto nas falas das entrevistas da mãe e da professora, a contribuição da música agindo como um elo de ligação, atraindo o aluno pelo som, sendo capaz de captar os estímulos de emoções e sentimentos, como comunicação não-verbal, chegando a sensação de prazer. (MENEZES, 2019, p.21)

Em sequência, acredita-se que as crianças com o Transtorno do Espectro Autista possuem sim, suas dificuldades e não podemos defini-las como fáceis de lidar. Mas a música, apesar de não resolver todos os sintomas da síndrome, pode beneficiar as crianças por meio das atividades musicais, desencadeando processos educativos e estudos de caso, com relatos de como a música tem proporcionado benefícios diante das limitações de alunos com TEA (MENEZES, 2019).

Seguem agora, a descrição de dois relatos em realidades diferentes, sendo uma em Teresina no Piauí a outra em Resende no Rio de Janeiro. Neles foram entrevistados professoras e equipe gestora em relação ao uso da música como ferramenta pedagógica e sua repercussão no desenvolvimento em aspectos gerais em específico para os estudantes autistas (LUNA, ALENCAR, CAMPELO, FERREIRA, 2019).

Com base na fala das professoras da escola de Teresina, fica perceptível que é inegável os avanços das crianças autistas na melhoria de seus comportamentos, nas interações, na concentração e conseqüentemente no processo de aprendizagem. Esse contexto já tem sido abordado nos tópicos anteriores, porém é importante trazer novamente esta fala, uma vez que dialoga com os relatos dos profissionais que foram entrevistados, em que apontam os benefícios da música quando as crianças autistas possuem contato direto com a música em sala de aula, deixando evidente a evolução delas na socialização, melhoria da aprendizagem e interação, fazendo assim, com que estas crianças não se sintam excluídas no meio escolar e social (LUNA, ALENCAR, CAMPELO, FERREIRA, 2019).

Em concordância com a fala das professoras é importante ressaltar que Santiago e Louro (2021) afirmam:

[...] em qualquer processo educacional, principalmente na infância, se faz necessário o desenvolvimento de áreas em nosso cérebro e do nosso corpo que serão utilizadas para desempenhar com mais qualidade e várias outras habilidades no decorrer da nossa vida. (SANTIAGO, LOURO, 2021, p.07)

Isso quer dizer que se potencializam habilidades que tem influências futuras podendo minimizar estereótipos dessa criança autista, proporcionando desenvolvimentos diversos ao longo da vida da criança (LUNA, ALENCAR, CAMPELO, FERREIRA, 2019).

Na escola de Resende foram entrevistadas professoras da Educação Infantil que relataram acerca do uso da música na prática docente e suas atividades envolvendo a música. Todas disseram fazer uso diário da música como recurso pedagógico facilitador para a aprendizagem, e que se tem uma reação positiva e que são favoráveis à proposta, sendo a eficiência da música na aprendizagem e a capacitação para habilidades sociais, culturais, o desenvolvimento da linguagem e aos processos de interação. A música proporciona uma capacidade de experimentar, vivenciar e explorar integralmente toda a parte sensorial em sentir, perceber, ter sensações provocadas pelo estímulo musical visando a construção integral e aflorando expressões emocionais em uma conexão por vezes intensa do interior com exterior (FREIRE, MARTELLI, ESTANISLAU; PARIZZI, 2018, apud MARTINS, 2020).

Algumas professoras também citam a importância da música para estimular o desenvolvimento motor das crianças que contribuem em aspectos futuros para o desenvolvimento da escrita. E através desse tipo de estímulo causado pela música, trabalha a funcionalidade do comportamento, através de aspectos psicomotores. (MARTINS, 2020).

[Visando os aspectos futuros a expressão corporal se faz presente em busca de cumprir um papel importante na criança com TEA.](#)

Segundo Louro (2017)

[..] a música além de apresentar curiosa relação com pessoas com diagnóstico de autismo (altas habilidades, hipersensibilidade), entra em muitos casos como grande aliada para o desenvolvimento global, melhorando a comunicação, a socialização e diminuindo estereótipos motoras e vocais (LOURO, 2017, p. 25).

E por fim como parte importante para compreender a utilização dessa ferramenta no ambiente educacional, a coordenação escolar foi questionada em relação se a

existência de algum procedimento que seja adotado pela escola com o uso da música para favorecer a aprendizagem dos estudantes e principalmente autistas. A resposta encontrada foi: “Sim. As aulas de música, assim como qualquer estratégia com esta demanda, requerem a vivência. Alguns exigem menos tempo, menos barulho, mais visual e outros com estratégias corporais. Assim de forma lúdica são envolvidos, mas respeitado suas limitações.” (MARTINS, 2020).

A partir desses relatos consegue-se concluir que a música tem sim seu espaço valorizado por professoras e equipe gestora nas instituições entrevistadas, percebe-se que há uma compreensão dos benefícios para os estudantes autistas e o que ela agrega para o desenvolvimento global da criança.

O próximo relato de experiência é sobre o processo de ações pedagógicas para inclusão de alunos com transtorno do espectro autista numa escola de música de São Paulo. As experiências dessa escola foram relatadas através do acompanhamento e desenvolvimento de um aluno no relato a seguir.

Esta escola de música desenvolve um trabalho diferenciado no que tange a inclusão de alunos com deficiências diversas, dentre elas, o TEA. A escola fica em São Caetano do Sul, na Grande ABC, em São Paulo e é uma tradicional e reconhecida escola de artes (música, teatro, artes visuais e dança), de nível técnico e profissionalizante que possui em seu quadro de atividades um programa específico para inclusão denominado de Programa de Apoio Pedagógico e Inclusão (PAPI) (LOURO, 2014).

Nesta perspectiva de inclusão a autora cita o relato do jovem Augusto (nome fictício) que tem atualmente 28 anos de idade, diagnóstico de TEA grau moderado. Augusto foi alfabetizado e faz uso constante de estereotípias motoras (mexer os braços e pular). De acordo com o relato, o jovem rapaz se expressava verbalmente muito pouco, geralmente, só quando era solicitado e depois de muita insistência por parte de quem estava conversando com ele. Seu diagnóstico foi feito ainda criança e ele frequentou muitas terapias durante toda sua vida. Porém, apesar de muita dificuldade na comunicação, interação social e cognição, demonstrou interesse por música desde a tenra idade. Por isso, seus pais o colocaram para estudar música numa escola perto de sua casa, ainda criança (LOURO, 2014).

O relato apresenta que Augusto chegou à escola no ano de 2004, aos 10 anos de idade, quando entrou no curso que utilizava a música como fermenta de desenvolvimento infantil. Devido suas dificuldades dentro do contexto de aula, as professoras que criaram o PAPI, começaram a atuar com o uso da música de forma pedagógica e específica. Logo que entrou, Augusto se mostrou bastante entusiasmado com as aulas, mas os professores se sentiram temerosos em trabalhar com ele, devido sua dificuldade de interação e comunicação. Por isso, as coordenadoras do PAPI propuseram ações formativas aos professores e colocaram um monitor em cada turma para que as ajudassem nas aulas. (LOURO, 2014).

De acordo com a autora, Augusto se desenvolveu bem no trabalho com a música, mas devido suas dificuldades precisou refazer o semestre por duas vezes, para que pudesse compreender e se desenvolver melhor. Com o passar dos tempos as professoras elaboraram atividades de com cunho mais teórico. Nesse momento, as dificuldades se acentuaram, pois, a aula, que antes tinha como proposta atividades lúdicas e jogos, passou a ter mais teoria, o que evidenciou as dificuldades cognitivas do aluno. Por isso, além da monitoria, foi proposto aulas de apoio pedagógico, em horário extracurricular. Essas aulas aconteciam individualmente, uma vez por semana, com duração de uma hora e eram ministradas por uma das coordenadoras do programa e tinham por objetivo trabalhar as dificuldades específicas do aluno em relação à abstração, aquisição dos conteúdos com o auxílio da música (LOURO, 2014).

Com o passar do tempo, Augusto foi evoluindo consecutivamente, até chegar no estágio final do programa. Sendo assim, é um curso que exige muito dos alunos e tem alta carga horária. Nesse contexto, os desafios de inclusão para Augusto aumentaram sensivelmente e o PAPI propôs, além da monitoria e aulas de apoio, adaptações do conteúdo, dos materiais e das avaliações (LOURO, 2014).

De acordo com o relato as avaliações foram igualmente adaptadas, pois como seu currículo era reduzido frente aos demais, a avaliação precisava ser referente às suas possibilidades. Foram muitos os tipos de adaptações nas avaliações, dentre eles: exercícios com opções, no qual o aluno precisava somente assinalar a correta; enunciados com figuras para colaborar na compreensão da comanda; avaliações individuais, no qual Augusto tinha mais tempo para preencher os exercícios, dentre

outras. Além das adaptações de conteúdo e avaliação, o PAPI propôs duas ações diferenciadas: a possibilidade de dispensa de disciplina coletiva com substituição desta por aula individual e a possibilidade de cursar as disciplinas independentemente uma da outra (LOURO, 2014).

Augusto foi evoluindo de forma muito gradativa e, de acordo com seu desenvolvimento, os materiais pedagógicos foram sendo desenvolvidos de forma diferente para atender às necessidades dele, constatando evoluções significativas.

Os relatos de certa maneira, materializam as hipóteses que a literatura aponta. Pudemos constatar que a música foi ferramenta relevante para o desenvolvimento de crianças com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, pudemos perceber como a utilização da música em várias instâncias podem ser úteis às crianças com TEA. No ambiente clínico, os estímulos indicam o desenvolvimento de aspectos que as crianças já possuem ao nascer, ou seja, ouvir os sons, os quais provocam comunicação entre a criança e os pais. O atendimento clínico busca avançar em uma intervenção com a música, que possibilite o desenvolvimento de habilidades no processo de interação pessoal e interpessoal dessa criança. A musicoterapia se encontra nesta categoria e se utiliza de elementos musicais de forma a atingir resultados, inclusive restauraram as funções no indivíduo. Portanto, dentro deste contexto, a utilização da música e a musicoterapia (aplicada nas clínicas), tem como objetivo final, a reabilitação, visto que, a utilização da música no campo pedagógico, possui outros objetivos, como a inclusão deste aluno no ambiente escolar.

A influência da música para criança com TEA na escola, evidencia a conexão que o ser humano possui com a musicalidade e como é possível estimular uma comunicação e interação melhor com o meio através dela. Assim, a aplicação da música nesse ambiente, irá inserir o aluno contribuindo para a inclusão no ensino e se torna uma ferramenta pedagógica importante para seu desenvolvimento cognitivo, motor, sensorial e principalmente interacional.

Os relatos de experiências que descrevem os resultados do trabalho com as crianças com TEA considerando a música inserida diariamente nas atividades destas, deixa claro como é necessário respeitar a individualidade delas frente a aprendizagem, bem como esta ferramenta é útil para o seu desenvolvimento integral.

As repercussões da música no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são significativas, pois de alguma maneira esta contribui para o seu desenvolvimento e repercute no seu aprendizado individual. Dentro do aspecto clínico, pedagógico e escolar, a percepção de mundo em relação ao som, evidencia que os estímulos contribuem para a conexão desta criança.

O presente estudo evidencia a contribuição da música para as crianças com TEA; compreendemos quanto mais estudos e relatos em relação a música como ferramenta pedagógica, maior o encorajamento de professores quanto as possibilidades destes desdobramentos, pois são positivas e contribuem para uma melhoria e qualidade de vida da criança com TEA.

REFERÊNCIAS

GODOY, H. P. et al. A Musicoterapia como Instrumento na Intervenção Psicopedagógica com Crianças Portadoras de Autismo. *Uníftalo em Pesquisa*. São Paulo SP, v.6, n.3, p. 117-135, jul/2016. Disponível em: <http://pesquisa.italo.com.br/index.php?journal=uniitalo&page=article&op=view&path%5B%5D=76&path%5B%5D=76> Acesso em: 11 de mar de 2022.

LOURO, Viviane dos Santos. A educação musical unida à psicomotricidade como ferramenta para o neurodesenvolvimento de pessoas com transtorno do espectro autista. **Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Neurologia e Neurociências. Repositório.** pp 31-47, Agosto de 2017. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49991> Acesso em: 02 Abril. 2022.

LOURO. Viviane dos Santos, V. AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DE ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NUMA ESCOLA DE MÚSICA DE SÃO PAULO: RELATO DE CASO. **Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis**, v. 10, n. 2, p. 138-157, 2014. DOI: 10.5965/198431781022014138. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/5155>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LUNA, Maria Mercedes De Sousa Avelino, ALENCAR, Gabrielle Felix, CAMPELO, Lizandra Vieira, FERREIRA, Gabriel Nunes Lopes. A utilização da música no ensino-

aprendizagem de crianças autistas: um estudo com professoras de uma escola em teresina (pi), 2019. **Plataforma Espaço Digital**. Disponível em : <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/58848> Acesso em: 01 de maio de 2022.

MARTINS, Cláudia Araújo. Os Benefícios da Música na Escola: O Trabalho Desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil Elisa Maria Paias Messon. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição 02, Ano 02, Vol. 01. pp 114-136, Maio de 2017. ISSN:2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/musica-na-escola>. Acesso em: 12 Mar. 2022.

MARTINS, Isabela Gonçalves Pécora, DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM, EM CRIANÇAS AUTISTAS, POR MEIO DA MUSICALIZAÇÃO. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA). Resende – RJ** 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10083> Acesso em: 09 de abril de 2022.

MENEZES, Adriana Alves Quintino. A música e o autismo: experiências de desenvolvimento e aprendizagem na Escola Municipal Cidade da Música no município de Uberlândia-MG. **Cadernos da Fucamp (2019), Uberlândia – MG**. p. p.13-44. 2019. Disponível em: file: <https://bityli.com/TtsfU> . Acesso em: 3 Mar. 2022.

SANTIAGO, Mayara; LOURO, Viviane dos Santos, Música, Neurociências e Autismo: levantamento dos artigos nacionais e internacionais em 4 bancos de dados, 2021. Disponível em: **PORTAL DE REVISTAS DA USP**. <https://doi.org/10.11606/rm.v21i2.181126> Acesso em: 01 de maio de 2022.

SANTOS, Claudia E. C. dos. A Educação Musical Especial: Aspectos Históricos, Legais e Metodológicos. 2008. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, **Centro de Letras e Artes, Universidade Federal de Rio de Janeiro**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=122999, Acesso em: 27 de abril de 2022.

ZIMMER Paulyane Nascimento; RODRIGUES Jéssika Castro; DEFREITAS Áureo Déo. Educação Musical E Transtorno Do Espectro Autista: Análise Da Produção Em Revistas Brasileiras De Artes/Música Qualis A1 E Seus Anais De Eventos Regionais E Nacionais (2006-2016). **Revista da ABEM, Associação Brasileira de Educação Musical**. v.26, n. 40 (2018). Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/760>.